



Formação Docente: Princípios e Fundamentos 4

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F723 Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 4 /
Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta
Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente:
Princípios e Fundamentos; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-371-2
DOI 10.22533/at.ed.712193005

1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange
Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Abre o volume IV o artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “IN LOCU” E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA Patrick Pacheco Castillo CARDOSO, Juliana Xavier MOIMÁS, Luciana Aparecida de Araújo PENITENTE os autores buscam investigar a existência de tendências de formação continuada de professores voltadas ao letramento docente. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDO DE CASO as autoras Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Maria Cristina P. Innocentini Hayashi buscam verificar o nível de conhecimento e formação apresentados pelos professores de ensino regular do município de Jaú sobre determinadas deficiências. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO AGIR DO COORDENADOR PEDAGÓGICO, a autora Neuraci Rocha Vidal Amorim discute a formação continuada de professores a partir da interpretação do agir do coordenador pedagógico, profissional responsável por fomentar esse processo na escola. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA DE SUPERVISORES NO PIBID: INTERDISCIPLINARIDADE E COLABORAÇÃO a autora Rosa Aparecida Pinheiro busca apresentar uma experiência continuada de professores através da integração de ações de ensino e pesquisa no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) que se constituem como espaço de integração de produções das instituições educativas envolvidas. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA E ENFOQUE CTS: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE QUÍMICA as autoras Tânia Mara Niezer, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira, Fabiane Fabri, buscam apresentar as percepções de um grupo de docentes de química que atuam da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná, e lecionam em escolas de Ensino Médio no município de Rio Negro/PR. No artigo FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER? a autora Eliziete Nascimento de Menezes busca caracterizar as interpretações feitas pelos professores acerca das orientações pedagógicas recebidas da Secretaria Municipal da Educação (SME) para a utilização dos jogos didáticos do PNAIC em sala de aula. Para isso, utilizamos ideias e conceitos de autores que versam sobre os saberes docentes e a autonomia relativa do professor (Tardif, 2014; Therrien, 2007). No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSOR E RELAÇÃO FAMÍLIA E CRECHE as autoras Sorrana Penha Paz Landim e Cinthia Magda Fernandes Ariosi buscam discutir sobre a relevância de se estabelecer uma relação entre essas duas instituições pensando no desenvolvimento integral da criança e de identificar se é discutida e pensada a relação família e creche na formação inicial dos alunos do curso de pedagogia na Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp de Presidente Prudente. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO, as autoras Rosemary Rodrigues de Oliveira e Ana Paula Leivar Brancaleoni, buscam investigar as percepções de um grupo de professores de uma escola pública

do interior de São Paulo, sobre as dificuldades que enfrentam para trabalhar com sexualidade e gênero, assim como elencar elementos que consideram importantes na composição de cursos de formação continuada acerca dos temas. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA os autores Maria Gilliane de O. Cavalcante, Alba Maria M.S. Lessa, Daniela Maria Segabinazi buscam apresentar o relato de experiência sobre a formação de professores e projetos de leitura literária, desenvolvido na Escola Municipal Lucia Giovanna Duarte de Melo – Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da cidade de João Pessoa, na Paraíba. No artigo FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O USO DAS TIC NESSE CONTEXTO, os autores Wanderlei Sebastião Gabini e Renato Eugênio da Silva Diniz buscam discutir a formação de professores e o ensino de Ciências, voltados aos anos iniciais do ensino fundamental, com foco na utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e na contribuição que elas podem trazer para as atividades de ensino e aprendizagem. No artigo FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO, a autora Denise de Almeida Ostler, busca averiguar sob quais condições os alunos com deficiência intelectual desenvolve suas habilidades e competências, tendo assegurados: acesso, permanência e a terminalidade a uma educação básica de qualidade, partindo da implantação do Programa; destacar os aspectos teórico-práticos relacionados à formação do docente, permitindo atendimento de qualidade ao aluno com deficiência, considerando a necessidade de apoio especializado embasado na proposta do Programa Ensino Integral. No artigo FORMAÇÃO EM DESENHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AUTOR, a autora Yaeko NAKADAKARI TSUHAKO coloca em discussão práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento do desenho como linguagem e, buscou ainda realizar estudos teóricos que embasem a compreensão do desenho como linguagem. No artigo FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/UESB, LINHA DE AÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL as autoras Elízia Oliveira Santana, Ivonildes Silva Cerqueira, Jacinéia dos Reis Matos, Debora Braga Rocha Eloy buscam socializar os resultados obtidos nas intervenções realizadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Interdisciplinar, linha de ação Educação Especial, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus universitário de Jequié, na Bahia. No artigo FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O CONHECIMENTO TECNOLÓGICO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO (TPACK): ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO os autores Oscar Massaru Fujita e Maria Raquel Miotto Morelatti buscam apresentar uma pesquisa, em nível de pós-doutorado, que investiga a formação inicial do professor de Matemática, especificamente relacionada à integração das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino de Matemática. No artigo FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO

SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, as autoras Carla Elisabeth Hirano Henriques Kathya Maria Ayres de Godoy, Regina Dinamar do Nascimento Silva, Renata Fantinati Corrêa buscam relatar e refletir sobre a(s) experiência(s) vivenciadas pelas estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGA, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP/IA no estágio de docência desenvolvido na disciplina Linguagem Corporal, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, junto aos estudantes graduandos do terceiro ano. No artigo FORMAÇÃO, IDENTIDADE E PRECARIZAÇÃO NA EAD: O PROFESSOR TUTOR EM FOCO, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar as dificuldades dos tutores nesta modalidade. Pesquisa fundamentada em Litwin (2001) e Belloni (2012) destaca as problemáticas na formação dos tutores, como a precarização e a falta de identidade docente. No artigo FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DISCURSIVA DE PRODUÇÕES DE ESTAGIÁRIOS, a autora Luciana Maria Viviani busca refletir sobre processos de subjetivação docente que ocorrem durante os cursos de formação inicial de professores. No artigo inclusão dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação na cidade de Manaus: o que a formação de professores tem a ver com isso? os autores Andrezza Belota Lopes Machado, Geysykaryny Pinheiro de Oliveira, Carlene da Silva Martins, Denis Gomes Cordeiro buscam refletir a formação de professores tendo a inclusão desses estudantes como foco, implica considerar que o professor é o principal agente de reconhecimento das capacidades acima da média apresentada pelos estudantes. No artigo INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, as autoras Michele Cristina Pedroso Cecarelli e Leila Maria Ferreira Salles buscam apresentar levantamento bibliográfico realizado com o tema inclusão e exclusão social, na medida em que compreender a temática é considerado de extrema importância para uma formação de professores capazes de atuar de forma significativa nos diversos contextos, seja no trabalho docente diante de diferentes públicos ou na elaboração e implantação de políticas públicas. No artigo inclusão escolar e apoio educativo no contexto espanhol: contribuições para o campo acadêmico nacional as autoras Daiane Natalia Schiavon, Denise Marina Ramos, Maria Cristina P. Innocentini Hayashi objetivaram caracterizar o apoio educativo do professor de Audição e Linguagem (AL) oferecido à Educação Inclusiva na Espanha, visando contribuir com reflexões para o sistema de ensino brasileiro. No artigo ITINERÁRIOS ETNOPOÉTICOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS: TERRITÓRIOS, SABERES E PROTAGONISMO, a autora "EGLÊ BETÂNIA PORTELA WANZELER buscam analisar que é preciso considerar o papel das instituições formadoras, bem como o papel dos professores e das professoras no desenvolvimento dos processos formativos continuados. No artigo JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, os autores Andrezza Santos Flores, Ângela Coletto Morales Escolano, Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro Tânia Regina de Sousa Vilela, buscam unir forças

entre dois programas com incentivo federal, que visam a melhoria da escola pública, desenvolvendo atividades de jardinagem com alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II. No artigo LA VIDA ES BELLA. DESDRAMATIZACIÓN DE LA SITUACIÓN HOSPITALARIA, os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian. Buscam pesquisar La situación hospitalaria suele en algunas situaciones, ser un condicionante para la sanación de una patología; probado esta, que la sonrisa es curativa; la sonrisa sana y alimenta el espíritu. No artigo LER E ESCREVER EM TELAS: FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR, WHATSAPP E LEGENDAS CINEMATOGRAFICAS, os autores Sônia de Oliveira Santos, Dagoberto Buim Arena, Adriana Naomi Fukushima da Silva, Thariane Nayara Leite Soares, Lilian Camila Rosa buscam analisar as contribuições do projeto de extensão ler e escrever em telas para a formação inicial do professor alfabetizador. No artigo LETRAMENTO CRÍTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS DA REDE PÚBLICA as autoras Sandra Regina Buttros Gattolin, Vera Lucia Teixeira da Silva, Viviane Cristina Garcia de Stefani, Deborah Cristina Simões Balestrini buscam contribuir para a conscientização dos docentes sobre a importância de sua agência para auxiliar na construção da cidadania ativa de seus alunos. No artigo LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS, o autor Osmar QUIM busca apresentar a experiência desenvolvida na disciplina de Linguagem e Tecnologia, ministrada no VI semestre do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Alto Araguaia. No artigo METODOLOGIA ATIVA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM SAÚDE, as autoras Daniela Nunes Januário de Lucca – Centro, Neire Aparecida Machado Scarpini buscam identificar a metodologias de ensino na literatura em saúde, destacando as metodologias de ensino desenvolvidas nos cursos de graduação em saúde. No artigo JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, os autores Andrezza Santos Flores, Ângela Coletto Morales Escolano, Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro Tânia Regina de Sousa Vilela, buscam unir forças entre dois programas com incentivo federal, que visam a melhoria da escola pública, desenvolvendo atividades de jardinagem com alunos do Ensino Fundamental – Ciclo II. No artigo MOTIVOS PARA APRENDER: DIÁLOGOS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Mayla Eduarda Rosa, Joyce Ingrid de Lima, Joana de Jesus de Andrade buscam entender quais os fatores motivacionais e as condições que favoreceriam a potencialização da aprendizagem e do desenvolvimento no espaço escolar. No artigo MÚLTIPLOS E DIVISORES COM JOGOS MATEMÁTICOS, os autores Gabriel Cabrera e Rita de Cássia Pavan Lamas buscam abordar uma das alternativas para o ensino de Matemática, jogos na perspectiva de resolução de problemas, ou seja, jogos matemáticos como metodologia de ensino para sala de aula.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES “IN LOCU” E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA	
Patrick Pacheco Castillo Cardoso Juliana Xavier Moimás Luciana Aparecida de Araújo Penitente	
DOI 10.22533/at.ed.7121930051	
CAPÍTULO 2	13
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ESTUDO DE CASO	
Daiane Natalia Schiavon Denise Marina Ramos Maria Cristina P. Innocentini Hayashi	
DOI 10.22533/at.ed.7121930052	
CAPÍTULO 3	21
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO AGIR DO COORDENADOR PEDAGÓGICO	
Neuraci Rocha Vidal Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.7121930053	
CAPÍTULO 4	34
FORMAÇÃO CONTINUADA DE SUPERVISORES NO PIBID: INTERDISCIPLINARIDADE E COLABORAÇÃO	
Rosa Aparecida Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.7121930054	
CAPÍTULO 5	47
FORMAÇÃO CONTINUADA E ENFOQUE CTS: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES DE QUÍMICA	
Tânia Mara Niezer Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira Fabiane Fabri	
DOI 10.22533/at.ed.7121930055	
CAPÍTULO 6	60
FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE AS PROFESSORAS TÊM A DIZER?	
Eliziete Nascimento de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.7121930056	
CAPÍTULO 7	72
FORMAÇÃO DE PROFESSOR E RELAÇÃO FAMÍLIA E CRECHE	
Sorrana Penha Paz Landim Cinthia Magda Fernandes Ariosi	
DOI 10.22533/at.ed.7121930057	

CAPÍTULO 8	80
FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SEXUALIDADE E GÊNERO: CONCEPÇÕES DE DOCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Rosemary Rodrigues de Oliveira Ana Paula Leivar Brancaloni	
DOI 10.22533/at.ed.7121930058	
CAPÍTULO 9	92
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LEITURA	
Maria Gilliane de O. Cavalcante Alba Maria M.S. Lessa Daniela Maria Segabinazi	
DOI 10.22533/at.ed.7121930059	
CAPÍTULO 10	104
FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O USO DAS TIC NESSE CONTEXTO	
Wanderlei Sebastião Gabini Renato Eugênio da Silva Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.71219300510	
CAPÍTULO 11	113
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO	
Denise de Almeida Ostler	
DOI 10.22533/at.ed.71219300511	
CAPÍTULO 12	120
FORMAÇÃO EM DESENHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AUTOR	
Yaeko Nakadakari Tsuhako Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.71219300512	
CAPÍTULO 13	131
FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/UESB, LINHA DE AÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Elízia Oliveira Santana Ivonildes Silva Cerqueira Jacinéia dos Reis Matos Debora Braga Rocha Eloy Marina Helena Chaves Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71219300513	
CAPÍTULO 14	140
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA E O CONHECIMENTO TECNOLÓGICO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO (TPACK): ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO	
Oscar Massaru Fujita Maria Raquel Miotto Morelatti	
DOI 10.22533/at.ed.71219300514	

CAPÍTULO 15	155
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA	
Carla Elisabeth Hirano Henriques Kathya Maria Ayres de Godoy Regina Dinamar do Nascimento Silva Renata Fantinati Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.71219300515	
CAPÍTULO 16	169
FORMAÇÃO, IDENTIDADE E PRECARIZAÇÃO NA EAD: O PROFESSOR TUTOR EM FOCO	
Thiago Pedro de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.71219300516	
CAPÍTULO 17	180
FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DISCURSIVA DE PRODUÇÕES DE ESTAGIÁRIOS	
Luciana Maria Viviani	
DOI 10.22533/at.ed.71219300517	
CAPÍTULO 18	191
INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA CIDADE DE MANAUS: O QUE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES TEM A VER COM ISSO?	
Andrezza Belota Lopes Machado Geysykaryny Pinheiro de Oliveira Carlene da Silva Martins Denis Gomes Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.71219300518	
CAPÍTULO 19	203
INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Michele Cristina Pedroso Cecarelli Leila Maria Ferreira Salles	
DOI 10.22533/at.ed.71219300519	
CAPÍTULO 20	210
INCLUSÃO ESCOLAR E APOIO EDUCATIVO NO CONTEXTO ESPANHOL: CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO ACADÊMICO NACIONAL	
Daiane Natalia Schiavon Denise Marina Ramos Maria Cristina P. Innocentini Hayashi	
DOI 10.22533/at.ed.71219300520	

CAPÍTULO 21 220

ITINERÁRIOS ETNOPOÉTICOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS: TERRITÓRIOS, SABERES E PROTAGONISMO

Eglê Betânia Portela Wanzeler

DOI 10.22533/at.ed.71219300521

CAPÍTULO 22 231

JARDINAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andrezza Santos Flores

Ângela Coletto Morales Escolano

Rodrigo Augusto Paixão Brasileiro

Tânia Regina de Sousa Vilela

DOI 10.22533/at.ed.71219300522

CAPÍTULO 23 240

LA VIDA ES BELLA. DESDRAMATIZACIÓN DE LA SITUACIÓN HOSPITALARIA

María José Perez Novoa

Patricia Castelli

Adrian Abal

Beatriz Erbicela

Eugenia Capraro

Carlos Capraro

Luis Alberto Salvatore

Liliana Etchegoyen

Miguel Mogollon

Anabel Gonzalez

Cecilia de Vicente

Cecilia Obiols

Guillermo Gulayin

Sebastian Spisirri

DOI 10.22533/at.ed.71219300523

CAPÍTULO 24 248

LER E ESCREVER EM TELAS: FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR, WHATSAPP E LEGENDAS CINEMATOGRAFICAS

Sônia de Oliveira Santos

Dagoberto Buim Arena

Adriana Naomi Fukushima da Silva

Tharlane Nayara Leite Soares

Lilian Camila Rosa

DOI 10.22533/at.ed.71219300524

CAPÍTULO 25 262

LETRAMENTO CRÍTICO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS DA REDE PÚBLICA

Sandra Regina Buttros Gattolin

Vera Lucia Teixeira da Silva

Viviane Cristina Garcia de Stefani

Deborah Cristina Simões Balestrini

DOI 10.22533/at.ed.71219300525

CAPÍTULO 26	274
LINGUAGEM E TECNOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS	
Osmar Quim	
DOI 10.22533/at.ed.71219300526	
CAPÍTULO 27	283
METODOLOGIA ATIVA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM SAÚDE	
Daniela Nunes Januário de Lucca	
Neire Aparecida Machado Scarpini	
DOI 10.22533/at.ed.71219300527	
CAPÍTULO 28	292
MOTIVOS PARA APRENDER: DIÁLOGOS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Mayla Eduarda Rosa	
Joyce Ingrid de Lima	
Joana de Jesus de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.71219300528	
CAPÍTULO 29	305
MÚLTIPLOS E DIVISORES COM JOGOS MATEMÁTICOS	
Gabriel Cabrera	
Rita de Cássia Pavan Lamas	
DOI 10.22533/at.ed.71219300529	
SOBRE A ORGANIZADORA	315

INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO NA CIDADE DE MANAUS: O QUE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES TEM A VER COM ISSO?

Andrezza Belota Lopes Machado

Universidade do Estado do Amazonas, Manaus - AM

Geysykaryny Pinheiro de Oliveira

Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino, Manaus - AM

Carlene da Silva Martins

Secretaria Municipal de Educação, Manaus - AM

Denis Gomes Cordeiro

Secretaria Municipal de Educação, Manaus - AM

RESUMO: Explanar sobre o processo de inclusão de estudantes com indicadores de altas habilidades/superdotação (AH/S) parece uma incongruência, considerando que eles já estão matriculados nas classes comuns de salvo os casos dos estudantes com dupla excepcionalidade matriculados em classes ou escolas especiais. Refletir a formação de professores tendo a inclusão desses estudantes como foco, implica considerar que o professor é o principal agente de reconhecimento das capacidades acima da média apresentada pelos estudantes. Assim, este estudo contempla o resultado de três pesquisas simultâneas sobre a temática, objetivando compreender a importância da formação de professores para a identificação dos indicadores de AH/S dos estudantes. Os caminhos metodológicos foram: pesquisa de campo com abordagem qualitativa

e quantitativa, que teve o questionário aberto como instrumento de coleta e como método para a análise de dados, a análise de conteúdo. Os resultados apontam um ciclo constante que influencia significativamente na identificação e no atendimento educacional especializado (AEE) aos estudantes e, conseqüentemente à negação de oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem adequadas às suas necessidades especiais. Isso porque a formação inicial e continuada dos professores da educação básica, em sua maioria, não contempla a temática AH/S e, como consequência os estudantes não são reconhecidos no contexto escolar, não participam dos AEEs direcionados a eles. Urge a necessidade de investimento em políticas públicas, tanto no que concerne à formação de professores como para os processos de identificação e atendimento educacional a esses sujeitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Atendimento Educacional Especializado. Altas Habilidades/Superdotação.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo sobre o processo de inclusão dos estudantes com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (AH/S) na cidade de Manaus, análise esta que perpassa

pelo processo de identificação dos estudantes com indicadores de AH/S, não uma identificação focada nos testes psicológicos padronizados, mas a contribuição essencial do educador no reconhecimento das capacidades intelectuais superiores dos estudantes no cotidiano da sala de aula, por meio da observação direta e contínua do processo de desenvolvimento e aprendizagem desses sujeitos aprendentes, compreendendo e avaliando as múltiplas possibilidades de expressão dos talentos humanos.

Para tanto, traçamos como objetivo geral desta pesquisa: compreender a importância da formação de professores para a identificação dos indicadores de AH/S dos estudantes. E, como objetivos específicos: a) Refletir sobre o processo de inclusão do estudante com altas habilidades/superdotação no Brasil; b) Apresentar a concepção dos professores quem são os estudantes com AH/S, antes e depois do processo de formação; c) Apontar alguns desafios e possibilidades relacionados à temática em estudo.

Os caminhos metodológicos que norteiam este estudo qualitativo e quantitativo foram: a pesquisa de campo em escolas da rede pública estadual e municipal de ensino, que teve como instrumento de coleta de dados o questionário aberto. O lócus da pesquisa foi a cidade de Manaus e, como sujeitos da pesquisa destacamos 20 sujeitos, sendo: 15 profissionais da educação que atuam na educação básica em diferentes escolas das redes municipal, estadual e particular de ensino, que participaram de um curso sobre a temática AH/S; e 4 professores e 1 psicóloga que atuam em um núcleo para atendimento especializado dos alunos com AH/S em Manaus.

2 | A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA CIDADE DE MANAUS: E O QUE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES TEM A VER COM ISSO?

O século 21 se caracteriza por uma dinâmica multifacetada de desafios, onde o homem precisa responder às múltiplas e rápidas mudanças socioculturais, e para isso, precisa estar apto a solucionar problemas, produzir conhecimento com autonomia e originalidade, propor alternativas criativas para o seu bem-estar e da coletividade social. Nesse sentido, cabe à escola, como microssistema social e instituição oficial para o ensino, contemplar em seu currículo essa multiplicidade de demandas socioculturais, além de responder com eficiência e eficácia à diversidade de saberes, culturas, níveis de desenvolvimento e dificuldades dos estudantes no processo ensino-aprendizagem.

Como a educação na atualidade se caracteriza também por uma busca constante pela qualidade, por uma prática pedagógica que respeite e valorize a diversidade e a diferença, bem como a educação precisa contemplar o paradigma da inclusão, com oferta de oportunidades igualitárias para o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os estudantes, independente de seu nível biopsicológico e de aprendizagem,

sem que ocorram situações de discriminação, exclusão e segregação.

Dessa forma, evidencia-se que o trabalho pedagógico a ser desenvolvido é complexo e desafiador, pois contemplar práticas pedagógicas que atendam essa multiplicidade de expectativas representa pensar em estratégias educacionais diversificadas, estimulantes, criativas e que desenvolvam os talentos humanos. O professor para atuar na escola precisa ter uma rica formação, voltada para atender essas demandas, consubstanciados de saberes que possibilitem a ele desenvolver o trabalho em resposta a essas demandas, principalmente na perspectiva da inclusão.

Focalizando a prática pedagógica na perspectiva da inclusão, é preciso considerar que na diversidade das salas de aula, muitas vezes, educandos com capacidade intelectual superior em alguma área do desenvolvimento nem sobressaem ao olhar dos educadores, ou seja, nem sempre suas capacidades são reconhecidas como indicadores de altas habilidades/superdotação. Consequentemente, sem o reconhecimento e a identificação pelo educador, dificilmente será garantido a ele os serviços de educação especial, que visam ofertar atendimentos educacionais especializados para o desenvolvimento de suas necessidades especiais e assim, desenvolver e ampliar seus talentos humanos.

Chamamos atenção para os educandos que apresentam características para altas habilidades/superdotação que, talvez em razão das múltiplas responsabilidades da escola e mais precisamente do professor, parecem estar passando despercebidos no contexto escolar, ou seja, em muitos momentos, as capacidades superiores desses educandos e suas características de altas habilidades/superdotação não estão sendo reconhecidas com facilidade na ambiência escolar.

Reconhecidamente na literatura sobre a temática, os autores apontam que um dos fatores que mais contribuem para a dificuldade na identificação desses educandos, baseia-se na ausência de uma definição única sobre altas habilidades/superdotação, pois como afirma Guenther (2012), a ausência de uma definição universal para superdotação e talento; muitos mitos, preconceitos e estereótipos (VIRGOLIM, 2007); e, incipientes espaços de formação de professores que contemplam a temática no Brasil (CARVALHO, 2004; MACHADO, 2008).

As representações sociais sobre quem são os estudantes com Altas habilidades/Superdotação são outro ponto de destaque na dificuldade de identificação desse alunado, pois de acordo com Guenther (2012) existem muitos estereótipos, preconceitos, dúvidas e resistências em torno dos alunos dotados e talentosos, pois o termo superdotação comumente é associado ao prefixo “super”, dá ideia errônea de que esse indivíduo sempre tem desempenho extraordinário em tudo o que faz, sendo sinônimo de nota máxima na escola, não encontrando nenhuma dificuldade em seu desenvolvimento, sendo aquele que apresenta domínio em todas as áreas e, é considerado um gênio ou prodígio.

Dentre os mitos em destaque, Alencar e Fleith (2001) apresentam alguns que interferem muito no processo de identificação, são eles:

a) *Superdotação como sinônimo de genialidade*, crença de que o superdotado é um gênio. No entanto as autoras, concordando com Passow, enfatizam que o superdotado vem a ser o indivíduo que apresenta um continuum de habilidades significativamente superiores quando comparado com a população em geral, embora isso não possa ser considerado sinônimo de genialidade (p. 87).

b) *Boa dotação intelectual como condição para alta produtividade na vida*. Como consequência deste mito, acredita-se que o superdotado tem recursos suficientes para crescer e se desenvolver sozinho, de que nada necessita ser feito no sentido de dar a ele ambiente estimulante, pois ele mesmo poderá escolher ou criar este ambiente. Mas, eles precisam essencialmente de condições mais adequadas ao desenvolvimento de seu potencial.

c) *Não se deve informar a criança ou ao jovem a respeito de suas habilidades superiores*. Isso porque erroneamente acredita-se que o aluno que fique convencido, o que poderia dificultar seu relacionamento com os colegas. No entanto, as autoras argumentam que o que ocorre, de fato, é que “em nosso meio educacional não existe interesse real por parte do sistema em conhecer o potencial de cada criança” (p. 89-90). Na verdade, há preocupação com um programa extenso a cumprir, “programa esse que dá ênfase basicamente na reprodução e assimilação do conhecimento” (p. 90).

d) *Não se deve comunicar à família que um de seus membros é superdotado*. Visão que se fundamenta na ideia de que poderá criar grande expectativa da família e, conseqüentemente, exigir dele um desempenho além de sua capacidade. No entanto, as autoras argumentam ser necessário reestruturar essa ideia e citam Renzulli e Reis, para os quais uma das etapas do processo de identificação “é informar pais e alunos acerca do potencial acima da média que esses últimos apresentam e que pode vir a ser desenvolvido caso sejam oferecidas oportunidades para tal” (p. 91).

e) *A criança superdotada apresentará necessariamente um bom rendimento na escola*. Essa é uma ideia frequente entre muitos educadores, mas as pesquisas indicam que com grande frequência os superdotados apresentam rendimento aquém do seu potencial, sendo muito comum a discrepância entre o potencial (aquilo que é capaz de aprender e fazer) e o desempenho real (conhecimento que é demonstrado pelo indivíduo).

f) *Superdotado é um fenômeno raro*. Essa crença na sociedade e a associação dela as várias ideias errôneas sobre a superdotação negam a pessoa com AH/S condições adequadas de desenvolvimento e se isso acontece, dificilmente o indivíduo com um potencial superior terá condições de desenvolvê-lo. Para que isso ocorra, é necessário um ambiente estimulador e rico em experiências criativas, favorável ao desenvolvimento de seu potencial.

g) *As crianças superdotadas constituem um grupo homogêneo em termos cognitivos e afetivos*. Acreditar nisso é negar a própria individualidade do ser, os aspectos particulares de cada um que o diferenciam dos demais. Os alunos

superdotados são diferentes entre si, tanto em relação às características sociais, emocionais, quanto cognitivas. As autoras afirmam que “muitos indivíduos não apresentam algumas características associadas à superdotação em função de um ambiente pouco estimulador e desafiador” (p. 100).

No Brasil, a definição oficial de quem são esses educandos está expressa nas políticas educacionais da Educação Especial e, a atual Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva define como educandos com Altas habilidades/Superdotação aqueles que:

demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, p.9).

Virgolim (2007) esclarece alguns conceitos associados à área, erroneamente tratados como sinônimos. São eles: (i) *precoces*, crianças que apresentam alguma habilidade geral ou específica prematuramente; (ii) *gênios*, pessoas com elevado conhecimento e talento, que com os produtos de sua inteligência, mudaram a história da humanidade (ex. Santos Dumont); e, (iii) *prodígio*, criança precoce que apresenta alto desempenho, comparado a um profissional adulto, em algum campo cognitivo específico.

Outro fator determinante para a dificuldade de reconhecimento das características de altas habilidades/superdotação dos estudantes em sala de aula refere-se o desconhecimento do professor sobre a temática e a falta de formação do professor direcionada para que ele possa reconhecer, dentre os escolares, os que apresentam potencial superior em alguma área do conhecimento, tendo muitos mitos associados a estes estudantes (FLEITH, 2007).

Guenther (2006) declara que a identificação de alunos deve ser feita através da observação direta e o julgamento de professores, um método bastante eficaz, pois se baseia essencialmente na perspectiva de que o professor convive diariamente com a criança em situações variadas, continuamente, em dimensões de tempo considerável durante o ano escolar, sendo o adulto melhor localizado na vida da criança para realizar este tipo de observação. Entretanto, o professor precisa ser orientado a realizar a observação, de forma a não ficar à mercê da intuição, ou na relação estabelecida entre ele e seus alunos. O direcionamento do olhar docente objetiva que ele esteja atento quando ocorrer um nível maior de interesse ou de envolvimento com as tarefas propostas por um aluno em determinada disciplina.

Frente ao exposto, verifica-se a importância do investimento na formação de professores para que os estudantes com altas habilidades/superdotação saiam da invisibilidade no contexto da escola. A formação de educadores contribuirá para que a identificação desses alunos seja feita o mais precocemente possível e, o educando deverá ser avaliado de modo global, através de métodos fidedignos e válidos, devendo

ser atendido em escolas comuns que ofereçam recursos especiais, a fim de facilitar sua inclusão escolar e social. Isso porque o superdotado caracteriza-se pela magnitude de sua potencialidade, pela expressividade de sua *performance* e pela constância de seus talentos e aptidões (SANTOS, 1988; GUENTHER, 2012; GAMA, 2006).

Em síntese, reconhecer os educandos com indicadores de altas habilidades/ superdotação no contexto escolar é essencial, principalmente para o pleno desenvolvimento dos potenciais humanos, assim como, para o investimento na oferta de atendimentos educacionais que possam desenvolver os potenciais desses escolares. Para Mettrau (2000), o investimento no desenvolvimento dos potenciais humanos beneficia duplamente a sociedade, uma vez que os talentos individuais serão desenvolvidos e beneficiarão o coletivo, caso haja o desenvolvimento e o encaminhamento adequado da utilização desses potenciais em benefício da sociedade, assim, resulta em uma canalização positiva de potenciais, impedindo a má utilização dessas capacidades em atividades sociais marginais. Entretanto, a formação de professores é o caminho para viabilizar esse processo de identificação e desenvolvimento dos potenciais humanos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Visando contemplar os objetivos deste estudo, o questionário utilizado para a coleta de dados foi composto por cinco questões básicas englobando as seguintes categorias: 1) Formação anterior sobre AH/S; 2) Concepção prévia dos professores sobre AH/S; 3) Concepção sobre AH/S pós-formação; e, 4) Importância da formação de professores sobre a temática. Após análise e tratamento dos dados, surge a categoria 5, sobre a Inclusão Educacional do estudante com AH/S.

Em relação à *Categoria 1: Formação anterior sobre AH/S*, os educadores foram unânimes em afirmar que não receberam nenhuma formação específica sobre a temática, nem na formação inicial e nem em formação continuada. Dos 20 professores, 50% (n=10) afirmaram ter estudado educação especial como disciplina na graduação, entretanto, a temática AH/S não foi estudada.

Evidencia-se que o desconhecimento sobre a temática por parte dos professores afeta diretamente os estudantes, que acabam não sendo reconhecidos e conseqüentemente, não são encaminhados para receber atendimento específico necessário ao seu desenvolvimento. Como ressalta Guenther (2006), a falta desse conhecimento reflete em dificuldades no processo de aprendizagem destes estudantes e também abre caminhos para que se propaguem ideias errôneas que cercam esta temática de estudo.

Considerando a formação inicial dos professores, apenas a partir de 2015, garantida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, Resolução nº 2/2015, a educação

especial passa a ser disciplina obrigatória no currículo dos cursos de formação das licenciaturas, conforme o Art. 14, segundo parágrafo (BRASIL, 2015). Entretanto, isso não é garantia de que os professores receberão formação que englobe o processo de identificação e estimulação aos estudantes com AH/S, apesar de ser reconhecidamente, público alvo da educação especial.

A *Categoria 2: Concepção prévia dos professores sobre AH/S*, se caracterizou por uma confirmação dos mitos e estereótipos sobre os sujeitos com altas habilidades/superdotação, conforme citamos no item anterior, considerando que: 75% (n=15) dos professores definiram como sujeitos com AH/S, àqueles que apresentavam habilidades avançadas em todas as áreas acadêmicas e sempre tiram boas notas. Outros resultados apontaram que 15% (n=3) dos professores afirmaram conceber como gênios os estudantes com AH/S, como pessoas com produções extraordinárias, considerando-os ainda como raros de encontrar no contexto escolar. Os demais professores, 10% (n=2), apontam o estudante com AH/S como sujeitos que não precisam de estímulos, pois sua inteligência já é superior.

A visão estereotipada de que os estudantes com características de AH/S sempre apresentam bons resultados na escola, ou que são gênios e sempre apresentam produções extraordinárias leva a uma errônea constatação de que as pessoas com AH/S não precisam de estímulos para seu desenvolvimento. Guenther (2012) ressalta que sem um ambiente estimulador, sem que as pessoas dotadas e talentosas recebam investimento nas suas capacidades naturais, pode ocorrer a perda dos talentos pelo não desenvolvimento dos potenciais humanos.

A *Categoria 3: Concepção sobre AH/S pós-formação* confirma a importância da formação de professores na temática AH/S, pois 100% (n=20) dos professores apontaram como comportamentos relacionados aos estudantes com AH/S: (a) Habilidades acima da média em uma ou mais inteligências, destacado por 40% (n=8) e, (b) Facilidade de aprendizagem, criatividade, habilidade acima da média em uma ou mais áreas do conhecimento e, perseverança na tarefa, apontadas por 60% (n=12) dos professores.

Nesta categoria é possível constatarmos que, com a formação dos professores, houve mudança de 100% (n=20) da perspectiva inicial dos professores sobre as características das pessoas com AH/S, pois suas concepções iniciais eram baseadas em mitos e estereótipos, mas a nova concepção aponta o que as definições oficiais sobre quem são os alunos com AH/S, como é possível constatar a partir das Diretrizes Nacionais de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2001), aqueles que apresentam “grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, os procedimentos e as atitudes [...]”. Bem como pelo que afirma a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), anteriormente citado neste texto como definição oficial desse alunado.

A *Categoria 4: Importância da formação de professores sobre a temática*, também

salienta a importância dessa formação com a resposta de 95% (n=19) dos professores, que foram explícitos ao afirmar o quanto a formação específica, trazendo as noções sobre quem são as pessoas com AH/S, suas características de desenvolvimento e como deve ser o trabalho pedagógico para estimulação desses alunos, foi significativa para sua atuação profissional. Dentre estes professores, 15% (n=3), destacam que ter despertado o interesse para pesquisas na área. Apenas 1 professora não respondeu a esta questão.

É importante que os professores tomem conhecimento da temática Altas Habilidades/Superdotação ao longo do seu processo de formação, pois como foi dito anteriormente, a própria LDB (1996) no Art. 59º, assegura que além dos professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, os professores do ensino regular também devem ser capacitados para que estes estudantes sejam integrados nas classes comuns de ensino.

A garantia de formação adequada aos professores, além de ser direito é uma obrigatoriedade para que eles possam responder às demandas da legislação, portanto, o investimento do poder público e das instituições privadas nessa formação contribuirá para as melhores condições do trabalho pedagógico desenvolvido. Isso porque, a formação de professores dará subsídio entender os conceitos sobre a temática e recebam orientação específica para lidar com a diversidade encontrada na sala de aula. (OLIVEIRA; MACHADO; REIS, 2015).

Segundo Vygotsky (2010) é preciso que a formação dos professores assegure condições para mediar os processos edificadores e equilibradores que sejam capazes de propiciar o desenvolvimento do estudante, caso contrário o desenvolvimento do estudante é prejudicado. Nesse sentido, visando contribuir com a formação dos professores, o Ministério da Educação publicou em 2003, a coletânea “Saberes e Práticas da Inclusão” que traz no volume 7 o livro “Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação” (ARANHA, 2003) e, em 2007 lançou a coletânea “A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação” (FLEITH, 2007), com quatro volumes direcionados à formação de. Todas as obras com o objetivo de informar sobre as necessidades educacionais destes estudantes e sugerir atividades para proporcionar a inclusão destes estudantes em sala de aula.

Ressaltamos que apesar das publicações oficiais, pouco se avançou na perspectiva da formação continuada de professores para o reconhecimento desses educandos, como mostram os resultados da pesquisa. Por isso, a falta de conhecimento sobre a temática por parte dos professores caracteriza-se como um dos principais desafios para a identificação e a estimulação dos estudantes com AH/S, pois sem a formação, os estudantes dificilmente serão encaminhados para receber atendimento educacional especializado e com isto, podem encontrar barreiras que dificultarão o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades ao longo de sua trajetória acadêmica e vida (PEREIRA; MOREIRA, 2012).

A *Categoria 5: Inclusão do estudante com AH/S*, traz em seu bojo o indicativo de alguns desafios e possibilidades dessa real inclusão, pois apesar dos estudantes com AH/S estarem matriculados nas classes comuns das escolas regulares, em sua maioria, não estão tendo suas necessidades de desenvolvimento e aprendizagens atendidas. Neste sentido, destacamos as respostas dos professores que indicam alguns pontos de análise que são, ao mesmo tempo, desafios para o sistema de ensino e possibilidades para que a inclusão educacional aconteça de fato e de direito: 1) Os professores não estão aptos reconhecer as características dos estudantes que indicam suas AH/S; 2) Necessidade de maior investimento em pesquisas na área e divulgação desses estudos; 3) Necessidade de maior investimento em formação inicial e continuada para os professores, tanto da rede pública como particular de ensino; e, 4) Necessidade de diminuir o quantitativo de estudantes matriculados por turma, pois fica difícil realmente conhecer o desenvolvimento dos alunos com turmas superlotadas.

Quanto à inclusão, corroboramos com Freitas e Pérez (2012, p. 7), ao afirmarem que se no cotidiano escolar, o professor não for capaz de reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, o estudante com AH/S estará apenas inserido, mas não incluído, pois estará sendo desassistido no desenvolvimento das suas diferentes potencialidades, bem como não terá assegurado seu direito à identificação, e a uma educação de qualidade em uma perspectiva de educação inclusiva.

Destacamos ainda a partir da promulgação da Lei 13.234, de 29 de Dezembro de 2015, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, garantindo os direitos dos estudantes com AH/S a sua identificação, cadastramento e atendimento educacional na educação básica e na educação superior, cabendo aos Estados, Distrito Federal e Municípios estabelecerem diretrizes e procedimentos para a garantia desses direitos. Para que isso seja possível, concordamos com participantes da pesquisa e vários estudiosos na área (Guenther, 2006; Virgolim, 2007) que o primeiro passo deve ser dado a partir do investimento na formação específica dos professores.

Outro aspecto destacado pelos professores é quanto ao quantitativo de estudantes matriculados nas salas de aula da educação básica. Em pesquisa anterior, Machado (2008) aponta a reflexão dos professores das redes municipal e estadual de ensino da cidade de Manaus, onde destacam ser muito difícil o reconhecimento das características dos alunos, sua real inclusão e o atendimento de suas necessidades nas salas de aula comuns, pois o professor, com mais de 40 alunos matriculados na turma, mal consegue dar conta daqueles que estão apresentando dificuldades. Apontam que para ter condições de atender aos alunos com níveis de aprendizagem tão diferentes, precisariam ter reduzido esse número para no máximo 30, para que pudessem fazer um acompanhamento mais detalhado dos desenvolvimentos individuais, bem como terem condições de propor estratégias diversificadas para atender educacionalmente todos os alunos.

Nesse viés, para atender as necessidades dos estudantes com AH/S, as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

(BRASIL,2008) orientam a existência do Atendimento Educacional Especializado (AEE), direito garantido aos alunos público alvo da Educação Especial, sendo este um atendimento realizado no contraturno, devendo ter acesso a recursos e serviços especializados que, dinamizados por um professor especializado, potencializam ou enriquecem as condições de o aluno acompanhar o currículo escolar. Entretanto, sem identificação dos estudantes, como garantir esse direito?

No que diz respeito às atividades de estimulação dos estudantes com AH/S, eles precisam ter contato com um ambiente que oportunize seu desenvolvimento, caso contrário, um dos únicos caminhos para os superdotados é tentar adaptar-se à rotina do ensino convencional, o que significa o desperdício de seus talentos e aptidões ou a desmotivação por não estarem devidamente assistidos, não conseguindo expandir nem demonstrar sua total capacidade” (VIRGOLIM, 2007, p. 69).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inegavelmente, o professor é o profissional que apresenta condições privilegiadas para a realização da identificação dos educandos com AH/S em sala de aula, pois ele tem a possibilidade de observar no dia-a-dia o desenvolvimento de cada estudante, analisar como ele age, reage e interage com o conhecimento. O professor tem a possibilidade ainda de oportunizar no cotidiano de suas práticas, as situações variadas para o aprender, o que oportuniza condições de avaliar o desenvolvimento dos estudantes em um processo sistematizado e contínuo de tempo. Entretanto, sem a formação e as condições adequadas, essas passam a ser condições hipotéticas e não operacionalizadas no fazer docente, não porque ele não queira, mas por não estar instrumentalizado para isso.

Diante das falas dos participantes da pesquisa e na discussão teórica desenvolvida, constata-se que a identificação dos estudantes com AH/S e sua indicação para o Atendimento Educacional Especializado direcionado a eles depende de um conjunto de elementos que se integram, como a necessidade de formação continuada para que os professores estejam preparados para reconhecer e realizar um trabalho pedagógico que inclua este alunado. Além da necessidade de expansão do trabalho pedagógico realizado pelos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação, criados em todo o território nacional para o atendimento a esse alunado, cujo espaço de atuação é limitado por falta de políticas públicas significativas que proporcionem condições de divulgação, acesso e permanência dos estudantes no atendimento e atuação dos profissionais.

Resumidamente, evidencia-se com base nos resultados da pesquisa, bem como na literatura utilizada para o embasamento teórico do estudo, que a formação de professores, tanto inicial como continuada, que possibilitem aos educadores reconhecerem as características e comportamentos de AH/S, bem como os múltiplos

potenciais humanos de todos os educandos na diversidade presente nas salas de aula das escolas, oportunizarão que não apenas os estudantes com altas habilidades/superdotação, mas todos os sujeitos aprendentes ali presentes sejam beneficiados com uma educação diversificada, com estratégias de ensino que promovam a criatividade, a autonomia e a autoria de pensamento e uma aprendizagem mais significativa e enriquecedora.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de; FLEITH, Denise de S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2ed. São Paulo: EPU, 2001.

ARANHA, Maria Salete Fábio (org.). **Saberes e Práticas da Inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos com altas habilidades/superdotação**. Coordenação geral: SEESP/MEC. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. Presidência da República. **LEI Nº 13.234, de 29 DE Dezembro de 2015**. Acesso em: 11/01/2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13234.htm

_____. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015**. Acesso em: 02/11/2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FLEITH, Denise de Souza (Org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

GAMA, Maria Clara Sodré S. **Educação de SUPERDOTADOS: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.

GUENTHER, Zenita Cunha. **Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **Crianças dotadas e talentosas...** Não as deixe esperar mais! Rio de Janeiro, RJ: Ltc, 2012.

MACHADO, Andrezza Belota Lopes. **Realidade e perspectivas para a educação inclusiva de alunos com potencial para altas habilidades/superdotação na cidade de Manaus**. Manaus: UFAM, 2008. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Geysykaryny Pinheiro de; MACHADO, Andrezza Belota Lopes; REIS, Joab Grana. Um olhar para a realidade: O Atendimento Educacional Especializado na rede municipal de ensino de Manaus. Revista Areté: **Revista Amazônica de Ensino de Ciências Areté**, Manaus, v.8, n.15

Número Especial. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/578>>
Acesso em: 01 maio 2015.

PEREIRA, Denise Maria de Matos; MOREIRA, Laura Ceretta. Interface entre os NAAH/S e a Universidade: Um caminho para a inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação, 2012. In: STOLTZ, Tânia; MOREIRA, Laura Ceretta (Orgs.) **Altas Habilidades/Superdotação, talento, dotação e educação**. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. **Talento e superdotação: problema ou solução?** Curitiba: Ibpex, 2005.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas Habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-371-2

